

O TALENTO NÃO TEM LOCALIDADE¹

Stélio Furlan, dr
UNIVALI, SC

*Dizem até que, não tendo
Firme personalidade,
Vamos tudo recebendo
Alto e malo, na verdade.*

*Que é obra daquela musa
De imitação, que nos guia,
E muita vez nos recusa
Toda a original porfia.*

*Ao que eu contesto, porquanto
A tudo damos um cunho
Local, nosso; e a cada canto
Acho disso testemunho.*

(Machado de Assis, *Gazeta de Holanda*).

O texto crítico machadiano, ao possibilitar uma reflexão sobre o questionamento das práticas de legitimação etnocêntricas, pode ser pensado como mediador no debate sobre os processos de descolonização cultural. Se Machado de Assis rompe, em meados do século XIX,² com perspectivismos teleológicos e/ou monológicos na análise literária, força é dizer que contribui para dar maior visibilidade à produção textual nacional. Esta estratégia discursiva configura, a um só tempo, uma relativização do centramento num determinado *locus* geo-epistemológico do conhecimento e uma resposta crítica às homogeneizações culturais etnocêntricas.

Ante a questão das lutas de legitimação canônicas, Machado de Assis ativa um gesto diferencial de leitura: se “forceja por quebrar o molde” o faz defendendo a inclusão de certos artefatos da literatura brasileira e latino-americana no rol de textos aceitáveis.³ Não é uma lógica da destruição que entra em cena, portanto, mas do suplemento, melhor, de uma operação suplementar voltada para uma abertura na hierarquia de valores etnocêntricos.

¹ Este ensaio é uma re-escritura do terceiro capítulo da tese intitulada *Machado de Assis. O crítico. Seduções e Desencantos*, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura - Doutorado em Teoria Literária - da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2001.

² Neste momento histórico-literário, para nosso uso, entre 1858 - ano da publicação dos primeiros ensaios críticos -, e 1879, ano do lançamento do ensaio “A Nova Geração” - a partir do qual encontrará novo meio para exercitar seu olhar analítico -, temos um crítico a um só tempo tolerante e combativo. Pois, se desfere piparotes, não descarta de incentivar a invenção – atributos de sua prática crítica que ficaram registrados nos rodapés dos jornais da época.

³ Leia-se a carta endereçada ao Sr. Conselheiro Lopes Neto, na qual comenta a obra do poeta chileno Guilherme Malta: “Barra Lastarria, como Errazuriz, como Arteaga, devem muitas páginas mais às letras americanas, a que deram tanto lustre Arboleda e Basílio da Gama, Herédia e Gonçalves Dias”. Ver *Obras Completas de Machado de Assis*. Jackson, vol.29, p.128.

Menos que deslizar acriticamente nas águas de modelos importados, o crítico Machado de Assis acredita na possibilidade de ressignificação destes. E não seria difícil pensar que, em meados do século XIX, ao recusar o que aqui não se pode aclimatar nos revela, para além do desejo de uma literatura mais independente, um anseio de descolonização cultural.⁴ Esse serviço prestado com paixão à literatura, à crítica literária, ao seu país, faz jus à relação por ele traçada entre *sentido* ou *sentimento íntimo* e Nação.

A crítica machadiana investe – “sem cair no dogmatismo” – seja na recusa veemente da absolutização de um determinado gênero literário, seja no questionamento do mundo intelectual de seu tempo, como diz, um “mundo intelectual vacilante sob a ação influente de uma literatura ultramarina”, mais especificamente, a “excessiva influência da língua francesa” e a “influência poderosa da literatura portuguesa”.⁵

Mais de um autor sublinhou que o Brasil do século XIX esteve marcado pela dependência e aceitação sem conflitos⁶ da hegemonia anglo-francesa. Em Machado de Assis há a consciência de tal dependência, certo, mas também há vitalidade para contestá-la. Nos seus textos há constantes mostras dessa reação à “mera reprodução material e improdutiva de concepções deslocadas de nossa civilização”⁷ (p.794).

Machado de Assis repõe em circulação, mais que uma reflexão sobre a consolidação do campo estético nacional, o próprio “sentimento” de nação. Não se trata apenas de cair num nativismo icônico: é menos no tema do que no uso do assunto, do tom, da língua e do sentimento em que encontram os atributos delineadores de uma nacionalidade literária, tais como os que Machado aponta em Garrett, escritor português que “junta em seus livros a alma da nação com a vida da humanidade”:

⁴ Dentre os temas que, em suas crônicas e em suas críticas, revelam a postura combativa de Machado de Assis, pode-se citar o protesto contra a excessiva influência da literatura francesa, a censura dos modismos literários de então, o protesto contra a invasão do México pelas tropas de Napoleão III e a indignação contra a arbitrariedade da marinha alheia em praias brasileiras. Leia-se: “Dizem que somos colônia da Inglaterra; não sei se somos, mas é preciso provar que não”. Ver *Obras Completas de Machado de Assis*. Jackson, vol.22, p.68.

⁵ Ver os ensaios críticos “Notícia da Atual Literatura Brasileira. Instinto de Nacionalidade” (p.808) e “O passado, o presente e o futuro da Literatura” (p.785) in *Machado de Assis. Obra Completa*, Nova Aguilar, vol.3, 1994. Na crônica isso se estende aos costumes e culinárias importados da Inglaterra, como o caso do “bife cru *for ever*”: “esse anglicismo, além de não quadrar ao estômago fluminense, repugna aos nossos costumes e origens”, escreve em 1878.

⁶ Ver NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*, 1994.

⁷ *Machado de Assis. Obra Completa*. Nova Aguilar, vol.3, p.794.

Garrett, posto fosse em sua terra o iniciador das novas formas, não foi copista delas, e tudo que lhe saiu das mãos trazia um cunho próprio e puramente nacional. Pelo assunto, pelo tom, pela língua, pelo sentimento era o homem da sua pátria e do seu século.⁸

No conhecido ensaio machadiano “Notícia da Atual Literatura Brasileira. Instinto de Nacionalidade”, de 1873,⁹ em vez dos floreios de retórica prefere o desejo mesmo de Nação, o que se oculta abaixo das múltiplas dermes regionais. A *brasilidade* machadiana antepõe, à mera colagem de particularidades regionais, uma pulsação. É como se lhe interessasse mais “o coração, não a curiosidade”, como falava acerca do teatro em 1866. Isso é uma constante na prática crítica machadiana: “O drama existe, porque está nos caracteres, nas paixões, na situação moral dos personagens: o acessório não domina o absoluto”, escreve em 1878.

Note-se que neste mesmo ano, Machado publica *Iaiá Garcia*, no qual, se nos mostra personagens profundamente imbuídos de nobilidade moral, nos entrelinhamentos, nas meias palavras pontua sua predileção por perscrutar toda a profundidade da alma humana, “a mola secreta” das suas escolhas, das suas ações.¹⁰ Há, pois, o predomínio da análise das paixões humanas, de sua “alma”, enfim. Mais que explorar a variegada derme brasílica, como delimitadora do nacional, prefere um sentimento íntimo: uma *brasilidade* “interior, diversa e melhor do que se fora apenas superficial”.

É digno de nota que o crítico Machado de Assis não confunde nação com ufanismo: em vez disso, a recusa a sectarismos de qualquer natureza. Ele adverte inclusive quanto ao perigo do “espírito de seita, mais próprio das gerações feitas e das instituições petrificadas” (1879). Importa-lhe, sobretudo, não tornar exclusivas as tendências de além-mar, enquanto receituário imutável de critérios, capazes de auferir a um texto a qualidade indefectível do sublime: “Entendo que o belo não é exclusivo de uma forma”, escreve. E ele vai além da afirmação de que

⁸ *Id.* pp. 932-933.

⁹ Ensaio que alude ao texto Santiago Nunes Ribeiro intitulado “Da Nacionalidade da Literatura Brasileira”, publicado no *Minerva Brasiliense*, em 1843. Note-se que em sua defesa da existência de uma “literatura brasileira”, Santiago Nunes Ribeiro justificava-a “pelo espírito, que a anima, a idéia que preside aos trabalhos intelectuais de um povo”; uma literatura que deriva das “influências, dos sentimentos, das crenças, dos costumes e hábitos peculiares”. Ver COUTINHO, Afrânio(org). *Caminhos do Pensamento Crítico*, pp.34 e 68.

¹⁰ Em *Iaiá Garcia* Machado investe no tema do orgulho, da dissimulação e do ser tensionado entre forças contrárias, tensão que atinge praticamente a todos os personagens: “Jorge caminhava assim, levado de sensações contrárias, até que ouviu bater meia noite...” (cap.IV); ou: “Iaiá achou-se entre dous desejos, mal definidos, mas inteiramente opostos um ao outro. Quisera e não quisera ter-se enganado, aspirava a conciliar o coração e a consciência” (cap.XVI), e por aí afora. Parece mesmo pressagiar Flora, indecível entre duas almas gêmeas.

o belo não é imanente a um gênero, quando defende que “o talento não tem localidade”.¹¹ Nesse sentido, pode-se colocar Machado de Assis entre as primeiras honrosas exceções na crítica literária latino-americana. Com Eduardo Coutinho,

(...) o discurso da crítica da literatura, salvo honrosas exceções, manteve-se, de um modo geral, prisioneiro da perspectiva eurocêntrica anterior, erigindo sempre como referenciais as obras produzidas na metrópole e limitando-se a ecoar, no plano da reflexão teórica, as vozes que lá se erguiam.¹²

Se há em Machado uma abordagem criativo/produtiva da tradição, não é menos certo dizer que recusa tratar os textos consagrados como referenciais intocáveis. É certo que Homero e Virgílio, Shakespeare e Balzac, entre inúmeros outros “eleitos da glória”, aparecem como exemplos de textos com “lastro literário”. Mas aí também inclui Basílio da Gama, José Bonifácio, Gonçalves Dias, Castro Alves e José de Alencar, escritores que, como diz Machado, “provam as nossas riquezas intelectuais ao crítico mais investigador e exigente”.¹³

O que se quer assinalar aqui é, de um lado, uma atitude que aponta para um processo que, na falta de uma palavra melhor, se pode chamar de suplementação do cânone, à medida que o abre às diferenças que se inscrevem em nosso campo cultural, dando maior visibilidade cultural à produção local. Instaura, portanto, um processo de significação voltado para o reconhecimento da diferença e não simplesmente para a reduplicação de marcos etnocêntricos.

Não raro encontramos nos textos críticos machadianos asserções marcadas pelo desejo de descolonização cultural e, simultaneamente, de afirmação do Novo Mundo. Isso alude a uma discussão tão cara aos dias de hoje, que passa pela necessidade histórica da tolerância e da alteridade, caminhos para a valoração e o respeito pela diferença. Aqui, a inclusão/exclusão de um texto num conjunto de textos aceitáveis se dá mais em função de critérios estéticos e teóricos do que geopolíticos, vale repetir, “o talento não tem localidade”. Talvez se possa pensar que isso

¹¹ CASTELLO, José Aderaldo. *Machado de Assis. Crítica*, p.70.

¹² COUTINHO, Eduardo. “A crítica literária e os novos rumos do comparatismo”. In *O Discurso Crítico na América Latina*, p.198.

¹³ Ampliando o rol de textos que considera aceitável, escreve Machado, em 1875: “O Evangelho nas Selvas” será certamente a obra capital de Varela; virá colocar-se entre outros filhos da mesma família, *O Uruguai* e os *Timbiras*, entre os *Tamoios* e o *Caramuru* (p.903.) Não há como deixar de sublinhar o empenho de Machado em “indicar as excelências” de nossa literatura, sem excluir “os defeitos do conjunto” desta. Defeitos tais que, aliás, não os tem por incorrigíveis: mais de uma vez retoma a idéia de que uma crítica minuciosa e severa os emendaria. Louva o esforço daqueles que inovam, buscando “alguma coisa que não seja continuar literalmente o passado”, porém incentiva os novos escritores a “pôr os olhos nos modelos que nos vão deixando os eleitos da glória”. Nem apologia do presente, nem edenização do passado, portanto.

implica numa problematização da dicotomia então existente entre colônia e metrópole e seus correlatos fonte e influência, pela disseminação da possibilidade criativa/produtiva, liberada de um centro fixador: o modelo europeu.

Assim, ao reivindicar maior visibilidade cultural aos textos periféricos, Machado o faz, menos pela destruição do legado europeu do que, como diz, para reparar ou contrabalançar. Ele propõe, como referencial dessa relativização dicotômica, o poema épico *O Uruguai*, publicado em 1769, de José Basílio da Gama. Leia-se:

Para contrabalançar (...) como uma valiosa exceção apareceu o *Uruguai* de Basílio da Gama. Sem trilhar a senda seguida pelos outros, Gama escreveu um poema, se não puramente nacional, ao menos nada europeu.

E, mais adiante:

Basílio da Gama era entretanto um verdadeiro talento, inspirado pelas ardências vaporosas do céu tropical. A sua poesia suave, natural, tocante por vezes, elevada, mas elevada sem ser bombástica, agrada e impressiona o espírito.¹⁴

Interessa ressaltar as tomadas de posição do discurso crítico machadiano, sobretudo a crítica fecunda das leituras vistas sob o ponto de vista das fontes e influências. E dos desdobramentos lógicos dessa perspectiva à partir da qual se minimizam as chamadas “literaturas menores” à condição de subalternas, meras reproduções de um modelo, condenadas portanto a gravitar em torno de um arbitrário *Cânone Ocidental*.

Pode-se dizer que a prática de leitura machadiana, liberada de certas clausuras deterministas, como as sustentadas pelas noções de origem, de influência, se materializa por intussuscepção. Trata-se de um princípio construtivo tomado de empréstimo à biologia, que explica como um elemento se plasma pela incorporação e transformação dos elementos formadores. A nosso ver, tal acepção se pode extrair daquela passagem: “Tiro de cada coisa uma parte e faço meu ideal de

¹⁴ Ver “O passado, o presente e o futuro da literatura”, in *Machado de Assis. Obra Completa*, Nova Aguilar, vol.3, p.785 e 786. Se o mencionado desejo de “contrabalançar” nos sugere uma estratégia de leitura que valoriza a alteridade, não é menos certo dizer que tal atitude implica uma tomada de posição, o que pode ser desdobrado, de algum modo, no que já foi chamado de crítica política. Isso lembra o que escreveu Bhaba: “a questão política fundamental é a de reivindicar o mesmo direito que têm os outros de tornar-se aquilo que se quer ser, e não assumir alguma identidade pré-moldada que é simplesmente reprimida”. Ver BHABHA, Homi K. *O local da cultura*, p.332.

arte que abraço e defendo.¹⁵ Ideal que não se deglute para ornato, mas que se assimila para nutrição. Nessa rede de relações, a crítica se configura mesmo como um discurso plural e aberto, cujo *modus operandi* se revela na interseção de uma complexa teia de códigos culturais, de convenções e de outros textos.

Ao ultrapassar as bases de oposição dadas, o evento da crítica se abre a uma “negociação entre instâncias contraditórias e antagônicas”.¹⁶ Com efeito, Machado não se limita a ecoar, no plano da reflexão teórica, as vozes ultramares: não clona, rearticula; recodificação como resposta crítica, que lhe permite dar um salto por cima da própria sombra – caso aceitemos a imagem proposta por Araripe Júnior¹⁷ – ao ressignificar a própria crítica. Nesse sentido, em vez de mera pedra de afiar que dá corte ao ferro sem ter a virtude de cortar, como dizia Horácio, a crítica se apresenta como olhar que recorta e urde, faz dela um tecido.

As leituras de Machado de Assis permanecem, pois, como uma maneira de, diante de um determinado estado de coisas, plutonizar o dado. São respostas críticas que contribuem para o descentramento do *locus* geo-epistemológico do conhecimento, e suplementam a produção dos discursos críticos sobre a condição latino-americana, desde uma perspectiva latino-americana. Não se trata apenas de mudança de foco de olhar, mas de uma superação da cisão dicotômica entre centro e periferia. Enfim, nesse repensar a questão dos cânones, lemos um movimento de significação suplementar, capaz de reivindicar a inserção do “periférico” na Cultura, uma vez que se sublinham qualidades e potencialidades que permitem, no caso da literatura brasileira, flunar sobre as imitações e sínteses etnocêntricas.

Reivindica-se, pois, espaço para discursos outros: outras vozes e... textos. Os textos críticos machadianos, em meados do século XIX, portam uma vibração, um encanto, o vigor do otimismo. Não o otimismo da retórica tingida com as cores fáceis do ufanismo, mas o que se pode chamar de um otimismo sadio, na certeza de que a literatura brasileira já “deu frutos excelentes e os há de dar em muito maior escala” e/ou “tem certíssimo futuro”. Contra os

¹⁵ Machado de Assis. *Obra Completa*, Nova Aguilar, vol.3, p.837.

¹⁶ Lembra Homi K. Bhabha quando reivindica menos o lugar de uma “negação” do que de uma “negociação”. Ele afirma a possibilidade de “conceber a articulação de elementos antagônicos ou contraditórios”, mas desde que se trabalhe com uma noção de dialética desvinculada da emergência de uma História teleológica ou transcendente (*O local da cultura* p.52).

¹⁷ Diz Araripe Jr., em 1882: “Criticar a crítica é a coisa mais difícil que conheço. O mesmo que saltar por cima da própria sombra”. *Apud* CAIRO, Luís Roberto Velloso. *O salto por cima da própria sombra. O discurso crítico de Araripe Júnior: Uma leitura*, p.20.

enclaves colonizantes e sem temor de contrariar idéias recebidas, a crítica machadiana lança o desafio de se “tomar um caráter menos vassalo, e de mais iniciativa e deliberação”.¹⁸

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Vol. III, RJ: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. “Crônicas”. *Obras Completas de Machado de Assis*. RJ: Jackson, vols. 22-25, 1962.
- BEHAR, Lisa Block de. “A invenção teórica do discurso crítico latino-americano”. In: MARQUES, Reinaldo et all. *Limiares críticos*. BH: Autêntica, 1998.
- BHABHA, Homi K. *O lugar da cultura*. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo et all. “Mesa Redonda”, in *Machado de Assis. Antologia e estudos*. SP: 1981
- BOURDIEU, Pierre. “O ponto de vista do autor”. In: *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. Trad.: Maria Lúcia Machado. SP: Cia. das Letras, 1996 pp. 252-265.
- CAIRO, Luís Roberto Velloso. *O salto por cima da própria sombra. O discurso crítico de Araripe Júnior: Uma leitura*. SP: Anablume, 1996.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa, SP: Edusp, 1997
- CASTELLO, José Aderaldo. *Machado de Assis. Crítica*. Agir, 1963, p.70.
- COUTINHO, Eduardo. “A crítica literária e os novos rumos do comparatismo”, in *O Discurso Crítico na América Latina*. PoA. IEL : Ed.da Unisinos, 1996
- FURLAN, Stélio. *Machado de Assis. O crítico. Seduções e Desencantos*. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. SP: Cia das Letras, 1994

¹⁸ *Machado de Assis. Obra Completa*, p.795.

REIS, Roberto. “Cânon”, in *Palavras da Crítica.Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura*. RJ: Imago, 1992.